

Nota de abertura

Numa altura em que a ordem europeia, que, com todas as suas fragilidades, logrou assegurar um longo período de paz, cedeu lugar ao caos e à guerra, urge repensar história e identidades de um continente que como espaço geográfico se encontra delimitado por fronteiras bem definidas, mas cujas fronteiras internas (geopolíticas, socioculturais e identitárias) se revelam longe da estabilização. Sabemos como a literatura em toda a sua versatilidade cedo se apropriou da ideia da Europa, do Atlântico aos Urais, da Lapónia ao Mediterrâneo e as deslocações, não só dentro do espaço europeu, mas também a partir dele ou tendo-o como destino, também desde cedo estiveram na mira dos escritores. Certo é que ao longo do tempo e também nos nossos dias, a literatura de viagens não parece ter perdido o seu carácter dinamizador e transformador de mentalidades, nem a sua capacidade de se tornar chave para o encontro com o Outro e com o próprio Eu. Na introdução ao volume com o sugestivo título *ReiseSchreiben. Potsdamer Vorlesungen zur Reiseliteratur* [Escrever Viagem. Lições de Potsdam sobre a Literatura de Viagens], Ottmar Ette afirma mesmo que a literatura de viagens, que até à segunda metade do século XIX era considerada essencialmente na sua vertente documental e /ou sociocultural, constitui hoje uma das formas literárias que melhor espelham os problemas da modernidade europeia, assim como as experiências, projeções, anseios e desafios da transculturalidade (Ette 2020).

Os ensaios coligidos neste volume, que têm a sua origem na jornada “A Literatura e a construção da Europa: escrita de viagens à luz de um olhar europeu”, que teve lugar no dia 4 de novembro de 2022, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, são exemplo das características e potencialidades da literatura de viagem ao longo de um vasto período de tempo.

Os textos, ordenados cronologicamente de acordo com os autores tratados, podem agrupar-se em quatro épocas distintas: o primeiro, de autoria de Fernando Clara, parte da observação e análise de diferentes objetos, que vão de mapas a relatos de viagens, passando por sátiras ou ensaios para, nas palavras do próprio ensaísta, “reconstruir as dinâmicas de evolução e transformação da consciência e identidade europeias num período que vai, sensivelmente, de meados do século XVI a finais do século XVIII”. Já o texto de Ana Isabel Moniz nos revela o fascínio pelo norte de África e pela descoberta das suas paisagens, gentes e culturas que caracterizou o século XIX, a partir da obra do escritor, pintor e viajante francês Eugène Fromentin (1820-1876). Os dois textos que destaca e que complementa com referências a outras obras literárias e à obra pictórica do artista relatam a deslocação deste pelo deserto do

Saara e pelo Sael e as suas reflexões sobre o “ato estético” e sobre a sua “filosofia da viagem”.

O artigo que se segue trata obras de mulheres viajantes e refere-se ao período do Estado Novo em Portugal: Sónia Serrano centra-se no estudo de oito livros de viagem e analisa em que medida eles confluem com o discurso oficial sobre a nação e a identidade nacional

O estudo de Maria de Fátima Outeirinho trata um extenso relato de viagem escrito pelo holandês Gert Mak no dealbar do século XXI, mas que se refere a uma viagem realizada no último ano do milénio e que resulta da necessidade de repensar a Europa, a partir de um percurso simultaneamente geográfico e temporal, notando na história do século XX sinais que permitirão antecipar um devir europeu.

Os dois últimos artigos, da autoria de Maria Dulce Pinto Soares e de José Domingues de Almeida, respetivamente, debruçam-se também sobre obras do século XXI. O primeiro trata as impressões de viagem do português Tiago Salazar em deambulações pela Europa, para, a partir da “cartografia afetiva, da experiência vivida e da especificidade do olhar do autor, [...] problematizar questões decorrentes do encontro entre culturas e do questionamento do Eu e do Outro” e redescobrir imagens do Velho Continente. Por sua vez, o ensaio de José Domingues de Almeida analisa relatos de viagens à antiga Jugoslávia de dois autores francófonos, o francês Emmanuel Ruben e o belga Joël Schuermans, conferindo especial destaque às reflexões sobre a Europa contemporânea.

O volume encerra com o conto “Sonho europeu”, de Jacinto Lucas Pires, a quem agradecemos a seleção do texto e a generosa autorização para a sua publicação.

Gonçalo Vilas-Boas
Maria Dulce Pinto Soares
Teresa Martins de Oliveira